

Congresso tem balanço policial

19 DEZ 1951

JORNAL DE BRASILIA

Edson Gê

O Congresso prepara-se para entrar em recesso em meados deste mês deixando como saldo do ano um balanço típico de coluna policial. Os casos policiais que envolveram a Câmara dos Deputados ofuscaram o trabalho político de deputados e senadores. Os episódios lembrados são muitos: as acusações de Raquel Cândido (sem partido-RO) de que havia traficantes entre os parlamentares; o soco de Nobel Moura (sem partido-RO) em Raquel; o envolvimento de Jabes Rabelo com o narcotráfico; as denúncias de intermediação de verbas por parte do ex-relator do Orçamento, João Alves (PFL-BA); e a confissão à revista "Veja" do líder do PRN, Cleto Falcão (AL), de que quem paga suas contas são amigos empresários.

O deputado Jair Bolsonaro (PDC-RJ) criticou o presidente da Câmara, Ibsen Pinheiro (PMDB-RS), por não ter tomado nenhuma atitude contra João Alves, e defendeu abertura de uma sindicância para provar que o deputado não é corrupto. "O presidente Ibsen Pinheiro está fazendo o mesmo que o general do Exército, Carlos Tinoco, no caso da compra de uniformes superavaliados. Para ficar tudo igual, só falta ele elogiar o João Alves, como o ministro elogiou o chefe da Diretoria Geral de Serviços, o general Iris Lustosa", disse Bolsonaro.

Desgaste

"Para mim, o João Alves e o Cleto Falcão deveriam ser presos

imediatamente", disse o deputado Gilvan Borges (sem partido-AP), ex-integrante da bancada do PRN. "A intermediação de verbas é o pior crime que existe. Esses dois estão tirando o alimento das crianças e o dinheiro dos aposentados". Para Gilvan, Jabes Rabelo foi transformado em "boi de piranha" pelo presidente da Câmara. "Ele usou o Jabes para encobrir os maiores crimes que ocorrem aqui, como a intermediação de verbas".

Alguns saem das críticas e propõem medidas práticas. Como o deputado Paulo Paim (PT-RS), que defendeu a imediata dissolução do Parlamento e a convocação de eleições gerais. "Acho que esse Congresso é apenas um homologador do presidente Fernando Collor. Com a manutenção dos vetos do presidente, o Congresso não tem moral nem para criticar o Collor". Paim, que recentemente fez greve de fome pedindo a renegociação da política salarial, concluiu agora que até seu movimento serviu para desgastar a imagem do Congresso.

O deputado monarquista Cunha Bueno (PDS-SP) e seu colega José Lourenço (PDS-BA) também lamentaram os casos policiais que envolveram o Congresso. "O melhor é que esses episódios nunca tivessem acontecido", disse Cunha Bueno. Para Lourenço, entre todos os casos, o de menor tamanho foi a agressão de Nobel Moura em Raquel Cândido. "Isso é comum. Recentemente todo o Parlamento japonês brigou", disse o deputado.